

## *Memórias de Eudes Chagas: passado e presente de um rei maracatuzeiro no Recife dos anos 1960 e 1970\**

IVALDO MARCIANO FRANÇA LIMA

Universidade do Estado da Bahia

**Resumo:** Eudes Chagas foi o rei do Maracatu Porto Rico do Oriente, grupo que fundou em 1967 e o articulou até o fim de sua vida, em 1978. Seu maracatu obteve certo destaque no Recife, sobretudo nos anos 1970, quando conseguiu figurar nas páginas dos jornais recifenses, desbancando outros maracatuzeiros, a exemplo de Luiz de França, do Leão Coroado, e Zé Gomes, do Indiano. Eudes é hoje reivindicado como ícone de um grupo homônimo ao seu, que se autointitula herdeiro e continuador de sua história, em meio a complexas redefinições de identidade e memória. Este trabalho objetiva discutir suas performances e escolhas, de modo a entender como ele e seu grupo obtiveram certa legitimidade em um cenário fortemente disputado, ao mesmo tempo em que se encaminha para entender como são construídas as memórias dos maracatuzeiros.

**Palavras chave:** Memória; Eudes Chagas; Maracatu Porto Rico do Oriente.

**Abstract:** Eudes Chagas was the king of the Maracatu, “Porto Rico do Oriente”, the group that he founded in 1967 and articulated to the end of his life, in 1978. His “maracatu”, obtained certain prominence in Recife, especially in the 1970s, when he managed to appear on the pages of “recifences” newspapers, displacing other “maracatuzeiros”, like Luiz de França of “Leão Coroado”, and Zé Gomes of “Indiano”. Eudes is now claimed as an icon of a harmonic group to his one, that entitle himself the inheritor and continuator of his history, amid complex redefinitions of identity and memory. This paper aims to discuss his performances and choices in order to understand how he and his group gained certain legitimacy in a scenario strongly disputed at the same time draws to understand how the memories of “maracatuzeiros” are constructed.

**Keywords:** Memory; Eudes Chagas; Maracatu Porto Rico do Oriente.

---

\* Artigo submetido à avaliação em 31 de novembro de 2012 e aprovado para publicação em 14 de março de 2013.

**E**udes Chagas era um homem negro, nascido provavelmente na zona norte do Recife, nos anos 1920. Segundo informações existentes na obra *Eudes, o rei do maracatu* (REAL, 2001), antes de ter fixado residência na comunidade do Bode, no bairro do Pina (zona sul do Recife), morava na Rua Elza, que liga o Córrego João Francisco ao Alto do Pascoal, nas proximidades da Ladeira de Pedra. Estas localidades são ainda hoje marcadas por grande concentração de negros e negras. Nestas existem significativo número de agremiações populares, a exemplo de caboclinhos, troças, afoxés, escolas de samba e maracatus. Trata-se de uma região permeada por práticas e costumes da cultura negra. Também é caracterizada por dispor de vários terreiros da religião dos orixás e de jurema (CASCUDO, 1978; CASCUDO, 1988; BRANDÃO, RIOS, 2001; MOTTA, 1988, 1997; VANDEZANDE, 1975; SALLES, 2004, 2010; ASSUNÇÃO, 2006).<sup>1</sup> Próximo a Ladeira de Pedra residiram Cláudia e Maria Madalena, duas poderosas mães de santo e ex-rainhas maracatuzeiras. Alguns familiares de Eudes Chagas ainda residem próximos a esta região, a exemplo de sua sobrinha, que desfila em outro maracatu da contemporaneidade.

Eudes Chagas possuía trânsitos diversos pelos mundos do sagrado e do carnaval, sobretudo pelo fato de ter sido, antes do Maracatu Porto Rico do Oriente, rei do Elefante ao lado de Dona Santa. Conforme relata Katarina Real em sua obra já citada, foi por intermédio de Dona Santa que Eudes Chagas ingressou no mundo do carnaval, depois de ter sido curado dos males de saúde que enfrentava. Dona Santa, “após ter restabelecido a saúde” de Eudes Chagas, pediu para que doravante homenageasse os orixás, e este foi o motivo que lhe fez criar uma troça carnavalesca, com o nome de Reis dos Ciganos. Eudes Chagas também era pai de santo, e seu terreiro, localizado no

---

<sup>1</sup> Utilizo “Religião dos orixás” como forma de escapar das críticas dos defensores de outros dois termos: candomblé – usado pelos terreiros mais recentes e por outros adeptos que vêem legitimidade na idéia de unificação nacional da religião, tomando o nome usado na Bahia como opção mais viável; e xangô – usado pelos adeptos mais ortodoxos e populares, que em muitos casos não vêem nenhum problema em usar os dois termos para se referir a mesma religião. A jurema é uma religião em que são cultuados mestres e mestras, caboclos, exus, pombagiras, índios, dentre outras entidades, que se comunicam em língua portuguesa e, diferentemente dos orixás, bebem, comem e fumam.

Bode (Pina) possuía significativo número de freqüentadores que o procuravam para fins diversos.

Sua história veio à tona principalmente devido as suas ligações com personalidades da sociedade recifense, notadamente Katarina Real, folclorista norte-americana em quem buscou apoio para fundar o seu maracatu nação. Contrastando com as memórias em torno de Zé Gomes, articulador e presidente do Maracatu Indiano, pode-se afirmar que Eudes Chagas tem ainda hoje significativo número de maracatuzeiros que reivindicam sua memória. Zé Gomes, em contrapartida, é um “ilustre desconhecido” entre os maracatuzeiros da atualidade. Esta questão, entretanto, apresenta-se como problema em torno das memórias dos maracatuzeiros do passado. Zé Gomes articulava o Indiano, maracatu que mais arrebatou títulos do concurso carnavalesco dos anos 1960 e 1970.<sup>2</sup> O Porto Rico de Eudes Chagas conseguiu apenas um título no ano de 1968.<sup>3</sup> O que explica a notoriedade póstuma deste, comparada a de Zé Gomes?

Em plena década de 1960, em um contexto plenamente desfavorável para a existência dos maracatus, Eudes Chagas planejou constituir um novo

---

<sup>2</sup> O maracatu Indiano foi campeão do concurso carnavalesco de maracatus nos anos de 1963 (Blocos e clubes. *Diário da Noite*, 27/02/1963, p. 07), 1965 (Pás, Batutas, Abanadores, Indiano, Tupinambá, Estudantes no 1º lugar. *Diário da Noite*, 03/03/1965, p. 02), 1970 (Indiano teve boa vitória. *Diário da Noite*, 11/02/1970 p. 02, 1º caderno, 1ª edição e Indiano teve boa vitória. *Diário da Noite*, 11/02/1970 p. 02, 1º caderno, 2ª edição), 1971 (O resultado geral. *Diário da Noite*, 24/02/1971, p. 02, 1º caderno, 1ª edição e O resultado geral. *Diário da Noite*, 24/02/1971, p. 04, 2º caderno, 2ª edição), 1972 (Resultados do desfile. *Diário de Pernambuco*, 17/02/1972, p. c1), 1978 (Império e Gigantes empatados. *Diário da Noite*, 09/02/1978, capa; Na briga do carnaval deu coluna do meio. *Jornal da Cidade*, 11 a 17/02/1978, p. 09) e 1980 (Agremiações criticam julgamento de desfile. *Diário de Pernambuco*, 21/02/1980, p. a5), e vice nos anos de 1964 (Campeões não tiveram grande concorrência. *Diário da Noite*, 12/02/1964, p. 07), 1966 (Lavadeiras de Areias foi o grande campeão do carnaval do Recife em 66. *Diário da Noite*, 23/02/1966, p. 03), 1967 (Inocente é bi e Gigante do Samba desbancou Estudantes. *Diário da Noite*, 08/02/1967, 1ª edição, p. 03 e *Diário da Noite*, 08/02/1967 2ª edição, p. 03), 1969 (Estudantes e Pás ganharam duelo na passarela. *Diário da Noite*, 19/02/1969, p. 02, 1º caderno, 1ª edição), 1976 (Decisão do Júri dá 1ª colocação a Estudantes. *Jornal do Commercio*, 05/03/1976, p.12) e 1979 (Protesto na escolha dos vitoriosos *Diário de Pernambuco*, 02/03/1979, capa. “Papo” e “Canindés” saem vencedores. *Diário de Pernambuco*, 02/03/1979, p. a7).

<sup>3</sup> Vitória do Clube das Pás foi tranquila. *Diário da Noite*, 28/02/1968, p. 03, 1º edição.

grupo, o que foi de encontro aos desejos de uma intelectual que estava preocupada em “salvar” os maracatus, sobretudo após o encerramento das atividades dos maracatus Elefante, em 1962, e Estrela Brilhante, em 1965. O processo de fundação do novo maracatu, bem como da coroação do rei está registrado no livro de Katarina Real, já citado, e que se constitui em fonte privilegiada a respeito da vida de Eudes Chagas. Para Katarina Real, de maracatus “autênticos” e “legítimos” restava apenas o Leão Coroado, além dos “impuros” Cambinda Estrela, Indiano e Almirante do Forte (REAL, 1990). Este último, por sinal, ainda estava imerso em problemas relacionados com sua identidade, que de certa forma o deixava fora da disputa pela hegemonia entre os maracatus no contexto recifense (LIMA, 2012).

Além disto, todos os grupos considerados “impuros”, conforme Katarina Real (1990) foram resultados de transformações e redefinições de suas identidades. Os três eram maracatus de orquestra, e passaram a se definir como baque virado ao longo dos anos 1950 e 1960. Apenas o Leão Coroado dispunha da aura de grupo “tradicional” e “autêntico”. Esta era a forma como o Leão Coroado era visto por Katarina Real. E isto talvez explique a ciúmeira de Luiz de França, articulador do maracatu em questão, quando Katarina Real decidiu ajudar Eudes Chagas em sua empreitada de transformar a a troça “Rei dos Ciganos” em um maracatu. Luiz de França protestou de modo veemente. Esta questão é descrita em detalhes na obra de Katarina Real já citada (REAL, 2001). Este trabalho, neste sentido, tem como principal questão discutir alguns aspectos da memória que se constituiu em torno da figura de Eudes Chagas, que ainda hoje tem seu legado reivindicado por maracatuzeiros e maracatuzeiras da atualidade, especialmente o Maracatu Nação Porto Rico do Pina. Este grupo tem como principal aspecto estruturante para sua constituição identitária a versão de que são herdeiros do legado de Eudes Chagas, e que este maracatuzeiro era o continuador de outro grupo homônimo ao contemporâneo, localizado em Água Fria, e articulado no passado por Pedro da Ferida (LIMA, 2005; 2008).

## **Katarina Real e Eudes Chagas: a transformação da troça em maracatu nação**

Em 1967, morando no Recife há dois anos, ocupando concomitantemente os cargos de secretária geral da Comissão Pernambucana de Folclore e de presidente da Comissão Organizadora do Carnaval, Katarina Real é contactada por João Santiago, folclorista, carnavalesco recifense e compositor de vários frevos de bloco, para que interviesse junto a um articulador de uma troça carnavalesca (um dos muitos tipos de agremiações que desfilam no carnaval do Recife, executando exclusivamente frevos de rua) que desejava vê-la transformada em maracatu:

[...] O telefone tocou. Era meu amigo João Santiago telefonando do Serviço de Recreação e Turismo da Prefeitura Municipal, localizado naquela época nas dependências do antigo Departamento de Documentação e Cultura (DDC), na Avenida Guararapes.

“Katarina, está aqui comigo um camarada que quer fundar um novo maracatu”.

“Que maravilha!” gritei. “Quem é ele?” “Ele é o diretor da Troça Rei dos Ciganos que sempre foi um maracatu disfarçado, pois o sujeito é pai-de-santo de um terreiro lá no bairro do Pina. Ele quer transformar a troça num maracatu.”

“Inacreditável”, exclamei. “O que é que a gente pode fazer para ajudá-lo?” “Pois bem, ele quer lhe fazer uma visita para explicar como vai ser o negócio. Será que posso mandá-lo à sua casa? Ele está esperando uma resposta. Chama-se Eudes.”

“Mande logo, agora mesmo! Estou aqui aguardando a chegada dele”, respondi com grande animação.

Fiquei felicíssima com a notícia. Fazia dois anos que eu estava muito preocupada com a situação dos tradicionais maracatus do carnaval recifense, e, sabendo que uma das metas sagradas da Comissão Pernambucana de Folclore era a preservação das manifestações folclóricas do Estado, esse telefonema de João Santiago me parecia importantíssimo – até milagroso. (REAL, 2001, 17-18).

Mediante a longa citação acima poderíamos perguntar a respeito das razões que motivara Eudes Chagas a buscar apoio junto a João Santiago e Katarina Real. Não lhe bastaria agir por conta própria e registrar o seu maracatu na Federação Carnavalesca, ou no órgão competente junto à prefeitura, colocando o grupo em cena no carnaval da cidade? Atualmente, por sinal, esta é a forma como fazem os que fundam novos grupos. Necessitava Eudes Chagas da ajuda de Katarina Real? A resposta, ao menos diante de uma análise do contexto em que viviam os carnavalescos recifenses, é positiva, pois não bastaria a Eudes Chagas proceder com a transformação de sua troça em um maracatu e registrá-lo na Federação Carnavalesca. Era preciso mais... *Legitimidade* para a empreitada, uma vez que estamos falando de uma cidade bastante conservadora e que respira “tradição”. Além disso, *visibilidade*, uma vez que o seu maracatu necessitava capitalizar-se simbolicamente para poder fazer frente aos dois grandes grupos da época: Leão Coroado e Indiano (BORDIEU, 1989).

Não era simplesmente apoio material que movia Eudes Chagas em direção à Katarina Real. As discussões encetadas por Nobert Elias são suficientes para entendermos os motivos de Eudes Chagas em buscar legitimidade a partir dos contatos estabelecidos com João Santiago e Katarina Real (ELIAS, 1994a; 1994b; 2001). A performance encenada por Eudes Chagas, nesse sentido, deve ser entendida como parte do processo em que populares agiam no sentido de buscar legitimidade a partir de contatos na sociedade em que viviam (TURNER, 1987; SCHECHNER, 1988; SILVA, 2005).

Por sua vez, Katarina Real não deixa de corresponder às expectativas de Eudes Chagas e intervêm junto aos órgãos competentes para que a transformação fosse devidamente legitimada. Aos poucos Katarina Real transforma o Porto Rico, recém-criado, numa “velha nação africana”. Assegura-se que Eudes Chagas reunia todas as qualidades que a “tradição” exigia, a exemplo de ser possuidor de vínculos com a religião dos orixás, e de

ter uma história que lhe permitisse ser um legítimo rei de maracatu.<sup>4</sup> Entre os maracatuzeiros é comum afirmar que não é qualquer um que pode ocupar este posto. Porém, Eudes Chagas não era um carnavalesco qualquer. Havia ele sido um dos reis do afamado Maracatu Elefante de Dona Santa. Possuía fortes motivos para ver sua troça carnavalesca transformada em maracatu. Eudes Chagas fundara Rei dos Ciganos devido a um pedido de Dona Santa para que homenageasse os orixás durante o carnaval. E este pedido, feito pela legendária rainha, ocorrera na já longínqua década de 1930, auge da repressão do Estado Novo aos xangôs e catimbós pernambucanos.<sup>5</sup>

Assim sendo, para que Eudes Chagas tivesse garantida sua “africanidade”, além dos atributos já referidos que dispunha, sua coroação em uma igreja, como desejava Katarina Real, fecharia com chave de ouro o processo de autenticação do Porto Rico do Oriente como um maracatu “conforme as tradições”. Apesar de não fazê-lo numa igreja, a coroação de Eudes Chagas foi um acontecimento que legitimou o rei, dando-lhe capital simbólico para se posicionar diante dos demais grupos.<sup>6</sup> O processo de legitimação culminou com a vitória do Porto Rico do Oriente no concurso carnavalesco de 1968, o que foi bastante criticado por Luiz de França, maracatuzeiro e articulador do Leão Coroado. Ressalte-se que o Porto Rico do Oriente, pelas regras que normatizavam o concurso carnavalesco, não poderia ter sido campeão, pois era o seu primeiro ano de desfile. Recife

---

<sup>4</sup> Ainda hoje há significativo número de estudiosos que se deixam levar pelo discurso nativo de que os maracatus nação possuem relação exclusiva com a religião dos orixás. Possivelmente Katarina Real estava influenciada pelos mais importantes estudiosos que afirmaram tais questões na época. Sobre esta questão, ver: (ALMEIDA, 1942; 1971; SILVA, 2002; PEIXE, 1980).

<sup>5</sup> (REAL, 2001, *op. cit.*) Sobre o período de repressão aos terreiros durante o Estado Novo, ver: CAMPOS, 2001. DANTAS, 1988.

<sup>6</sup> Conforme Kubrusly, Katarina Real acreditava que os maracatus nação eram originários da coroação dos reis e rainhas do congo, e por isso um rei da atualidade deveria continuar esta “tradição”. Katarina, neste sentido, via-se imersa em um contexto fortemente marcado pelas ideias de origem dos maracatus a esta cerimônia. Sobre esta questão, de que os maracatus são originários das festas de coroação dos reis e rainhas do congo, ver: (ALVARENGA: 1950; SILVA: 1988). Ver também: BRANDÃO, Theo. Origens do maracatu. *Diário de Pernambuco*, 07/03/1957.

possuía agora mais um maracatu-nação “legítimo”. Katarina Real estava orgulhosa de ter contribuído para manter as “velhas tradições”. Quando Eudes Chagas morreu, em 1978, não mais será Katarina a intervir nesse processo, mas Roberto Benjamin, outro folclorista com trânsito significativo no contexto dos maracatus recifenses.

### **Eudes Chagas e o Porto Rico do Oriente: estrategista e maracatuzeiro**

Eudes Chagas tem uma história bastante controvertida. Homem negro, afeito as práticas e costumes das religiões dos orixás, Eudes era um sacerdote, filho de Ogum e com seu terreiro funcionando na comunidade do Bode, no Pina. Segundo Katarina Real, Eudes Chagas mudou-se da zona norte do Recife para esta comunidade em busca de facilidades. Sua trajetória como maracatuzeiro e articulador da Troça carnavalesca Rei dos Ciganos é descrita em detalhes na obra já citada (REAL, 2001).<sup>7</sup> Sua grande façanha, e que passou para os meandros da história e da memória, foi ter conseguido a interveniência de Katarina Real ao seu favor para que obtivesse êxito na transformação da troça acima referida em um maracatu. “Manter a tradição” criando mais um maracatu... Estas palavras devem ter soado como música para os ouvidos de uma intelectual impregnada com as idéias de pureza, tradição e autenticidade, que circulavam em demasia entre os intelectuais locais. Eudes Chagas também era um célebre estrategista na busca por espaços e legitimidade social. Foi graças a amizade com Katarina Real que Eudes Chagas e o seu maracatu conseguiram sagrar-se campeões do carnaval

---

<sup>7</sup> Troça carnavalesca é um dos muitos tipos de agremiação existentes no carnaval pernambucano. As troças normalmente desfilam durante o dia, e executam apenas frevos de rua, tocadas pelas orquestras de frevo. Grosso modo, pode-se afirmar que uma troça é uma espécie de clube carnavalesco menor e menos luxuoso, apesar de que nos dias atuais existem troças carnavalescas bem mais ricas e maiores do que muitos clubes, a exemplo de Abanadores do Arruda, Cachorro do Homem do Miúdo e Batutas de Água Fria. Saliente-se também que as troças, no passado, quando cresciam, tornavam-se clubes, ascendendo tanto de categoria, como no recebimento de recursos. Os atuais clubes carnavalescos Coqueirinho de Beberibe, Maracangalha e Arrasta Tudo foram, no passado recente, troças carnavalescas.



de 1968. Este feito foi registrado em um dos muitos trabalhos de Katarina Real, intitulado “*A grande vitória. O carnaval de 1968*” (REAL, 2001b). Neste artigo, Katarina narra os momentos em que conheceu Eudes Chagas e como agiu no sentido de apoiar a criação de um novo maracatu, algo de extrema importância para ela, uma vez que acreditava ser esta uma manifestação cultural que estava correndo riscos de desaparecer.

Eudes Chagas foi um dos poucos maracatuzeiros que apostou suas fichas em um evento que hoje é consagrado por praticamente todos e todas que fazem maracatu na atualidade, a Noite dos Tambores Silenciosos. Era em Eudes Chagas que se apoiava Paulo Viana, jornalista e idealizador deste espetáculo, e em alguns anos seu maracatu foi o único participante, segundo Edvaldo Ramos, uns dos articuladores deste evento.<sup>8</sup> E era o Porto Rico do Oriente que garantia ao idealizador da Noite dos Tambores Silenciosos a legitimidade suficiente para que pudesse barganhar recursos e atenções junto aos poderes públicos.<sup>9</sup> Não nos esqueçamos que este evento foi criado nos anos 1960, e que não possuía a legitimidade dos dias atuais. Sua construção se deu ao longo dos anos, e por várias ocasiões correu o risco de não ser realizado, segundo Edvaldo Ramos. E Eudes Chagas também estava articulado com Lourenço Mola, amigo de Paulo Viana, e organizador da Noite dos Maracatus no Clube Internacional. Eram as fotos de Eudes Chagas e de seu Porto Rico que estampavam os jornais divulgando o evento.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Entrevista com Edvaldo Ramos, realizada em 20/05/2009. Edvaldo Ramos nasceu no Recife, em 25/05/1934. Foi jornalista durante muitos anos, e publicou várias matérias de jornal a respeito das questões raciais. Junto com Paulo Viana, organizou a Noite dos Tambores Silenciosos ao longo dos anos 1960 e 1970. Foi também presidente da União das Escolas de Samba de Pernambuco, e integrante de várias agremiações carnavalescas do Recife. Também contribuiu na organização das reuniões semanais ocorridas no DCE da UFPE. É atualmente advogado, e também uma referência histórica para setores do movimento negro pernambucano.

<sup>9</sup> “Estão faturando prestígio com a Noite dos maracatus”. *Diário da Noite*, 09/02/1978, p. 03; A Noite dos Tambores Silenciosos, carnaval. *Diário da Noite*, 08/02/1980, p. 06; Os tambores não silenciam, carnaval. *Diário da Noite*, 11/02/1980, p. 04.

<sup>10</sup> Maracatus em festa no Internacional – bombos e ganzás agitam as “nações” numa noite nobre, sociais – Moysés. *Diário da Noite*, 02/02/1976, p. 07, 1º caderno.

Eudes Chagas certamente vislumbrou na Noite dos Tambores Silenciosos e na Noite dos Maracatus possibilidades para furar o cerco da passarela, local em que não obtinha muitos êxitos, dado a grande força de seus adversários, o Indiano, de Zé Gomes, Leão Coroado, de Luiz de França, e o todo-poderoso Estrela Brilhante, liderado por José Martins (Cabeleira) e Maria Madalena. Estes eram os maracatus que se revezavam no lugar de campeões do concurso carnavalesco de maracatus organizado pela Prefeitura da Cidade do Recife. Na atualidade, Eudes Chagas tem sua memória celebrada pelos atuais integrantes do Maracatu Porto Rico, em uma construção identitária em que seu nome é parte fundamental. Também é evocado por alguns dos seus familiares ainda vivos, que estão agrupados no Maracatu Encanto do Pina.

O mito tem forte presença enquanto forma/possibilidade de explicação da realidade. Refiro-me não apenas aos mitos de origem, mas a própria estrutura das questões que envolvem aspectos diversos da vida e do cotidiano de maracatuzeiros e pessoas de terreiro de um modo geral. No tocante a Eudes Chagas, por exemplo, é bem evidente a presença das narrativas míticas como formas de explicar a realidade. Eudes Chagas construiu vários mitos para legitimar suas práticas, ao mesmo tempo em que se utiliza deles para explicar sua vida. Sua entrada na religião dos orixás, por exemplo, é justificada a partir das corriqueiras questões de saúde – muito comuns entre o povo de terreiro – e este problema é central para entender a relação entre Eudes Chagas e Dona Santa.<sup>11</sup>

Foi ela quem o batizou na religião dos orixás, assim como também exigiu que ele colocasse um “brinquedo” nas ruas durante o carnaval, como forma de saudar os orixás. Este “brinquedo”, a troça carnavalesca Rei dos Ciganos, é o elemento central, juntamente com a “herança”, sob a forma de capital simbólico de Dona Santa para Eudes Chagas fundar um maracatu “autêntico” e “tradicional”. O Porto Rico seria possível de existir devido ao fato de que a troça nada mais era do que “um maracatu disfarçado”, afirmou

---

<sup>11</sup> Sobre a relação entre doenças espirituais, questões de saúde e iniciação nas religiões de divindades, ver: PINTO, 1995; LUZURIAGA, 2001.

Eudes a Katarina Real. Esta excelente narrativa mítica construída por Eudes Chagas lhe possibilitou adentrar no contexto da disputa pela hegemonia dos maracatus. Se Luiz de França representava a tradição e o seu maracatu era o mais antigo, e se o Indiano contava com o dinamismo de Zé Gomes e a legitimidade religiosa de Madalena, Eudes Chagas tinha a seu favor o fato de ter sido iniciado na religião dos orixás pelas mãos da própria Dona Santa.<sup>12</sup> Seu maracatu, por sinal, era fruto de uma transformação da troça que só foi fundada devido à ordem dada por Dona Santa, conforme sua própria versão. Eis as armas apresentadas por Eudes Chagas em um cenário de fortes disputas pela liderança entre os maracatuzeiros.

O fato de Eudes Chagas ter sido rei do Maracatu Elefante, ao lado de Dona Santa, não lhe assegurou o domínio dos conhecimentos relacionados ao maracatu. Ele não possuía as técnicas relacionadas à confecção de instrumentos musicais, e tampouco sabia como tocá-los. Seus batuqueiros foram formados a partir da intervenção de Luiz de França, o que inaugurou, segundo Ernesto Carvalho, a perspectiva das oficinas de maracatu da atualidade (CARVALHO, 2007). Para Dona Santa o lugar de rei não tinha tanta importância, a ponto dela ter coroado sua filha, Alzira Nascimento, contrariando a lógica atual de que o soberano deveria, necessariamente, ser do gênero masculino.<sup>13</sup> Por mais que ser rei de Dona Santa acrescentasse valores para o consorte masculino, a ela nada adicionava, pois Dona Santa era maior do que todos os maracatuzeiros reunidos. O mito estava posto!

O caso do Porto Rico do Oriente é dotado de outra complexidade, diferente dos maracatus Cambinda Estrela, Estrela Brilhante e Almirante do Forte. Antes de tudo, Eudes Chagas, o rei e articulador do grupo, não estava “em campo” para disputar a hegemonia entre os seus pares no momento que se seguiu a morte de Dona Santa. Seu maracatu só foi fundado em 1967, em

---

<sup>12</sup> Até o ano de 1974 Maria Madalena participou do Maracatu Nação Indiano. No ano seguinte passou a fazer parte do Estrela Brilhante.

<sup>13</sup> Maracatu Misto Elefante. Prontuário nº 531, fundo SSP, nº 703. A pasta existente neste prontuário tem 02/09/1941 como data. Neste mesmo prontuário pode se observar que o encarregado de levar o estandarte também era uma mulher, algo impensável mesmo para os dias atuais.

uma empreitada que teve auxílio de João Santiago e Katarina Real, conforme já apontado. Além disso, Eudes Chagas não conseguiu arregimentar um grande número de colaboradores em sua articulação, mesmo tendo sido campeão no primeiro ano em que desfilou e disputou o concurso de agremiações carnavalescas organizado pela Prefeitura do Recife e Comissão Organizadora do Carnaval.

Este foi, porém, o único título arrebatado por Eudes Chagas, que se manteve a frente de seu maracatu até o ano de sua morte, ocorrida em 1978.<sup>14</sup> Eudes Chagas teve grande habilidade para encontrar espaços para si e o seu grupo em um contexto fortemente marcado pela acirrada disputa entre o Indiano e o Leão Coroado. Suas alianças com Paulo Viana, o criador da Noite dos Tambores Silenciosos, estavam consubstanciadas em uma troca simbólica de prestígios, onde um emprestava legitimidade para o outro. Foi esta, sobretudo, a maior razão que fez de Eudes Chagas o principal esteio deste evento, sendo o único maracatu a prestigiar o evento em todas as suas edições de 1968 até o ano de sua morte. Estas estratégias, nesse sentido, mostram que os populares dispõem de táticas para o cotidiano, algo já percebido e discutido por outros estudiosos, a exemplo de Giovanni Levi (1998; 2000).

### **Os dias de hoje: A memória de Eudes Chagas**

Nos dias atuais, Eudes Chagas é diretamente reivindicado por dois maracatus nação, conforme já indicado. A história de que ele não desejava ver seu maracatu nas ruas, após sua morte, é fundamental para os atuais integrantes do Porto Rico contemporâneo, uma vez que estes afirmam serem os continuadores do grupo do falecido soberano. O maracatu ficou sem desfilar em 1979 e 1980, vindo para as ruas novamente em 1981, em uma

---

<sup>14</sup> Carnavalescos choram a morte do Rei Eudes. *Diário da Noite*, 20/12/1978, p. 03, 2º caderno; BENJAMIN, Roberto. A nação Porto Rico foi embora. *Jornal do Commercio*, 25 de fevereiro de 1979, p. 4.

articulação liderada por Armando Arruda, maracatuzeiro recentemente falecido. Sobre as afirmações de que Eudes Chagas não desejava ver seu grupo nas ruas, após sua morte, Armando afirma:

[...] ARMANDO: Conheci e privei a amizade dele durante muito tempo. É tanto que ele dizia para mim: “professor, o meu desgosto de estar nesta sala, estirado num caixão, é dois: é chegar os maloqueiros e dizer: “está vendo, o negão foi primeiro do que eu” – e eu não poder dar uma bofetada. E o outro é meu maracatu não sair”. Eu digo: “mestre, se...” eu só chamava ele de mestre. “Se o mestre... se eu estiver aqui no Recife, eu tiro o seu maracatu”. Ele olhava para mim e dizia: “você tira nada”. Como a grandiosidade de Eudes, que era rei de Dona Santa, fez com que Katarina Real, tentasse o Porto Rico. Não deu para ser porque tinha dono. Aí ela botou Porto Rico do Oriente para diferenciar, para que senhor Eudes tivesse um pátio.<sup>15</sup>

E Armando também declara que de fato foi ele quem propiciou o renascimento do Porto Rico, em uma narrativa repleta de detalhes, fatos pitorescos e disputas. Armando Arruda rejeita a idéia de que Eudes Chagas não desejava ver a continuidade do Porto Rico no carnaval pernambucano:

[...] IVALDO: Mas segundo Roberto Benjamin (e a própria Katarina Real confirma) o desejo de Eudes era que ao falecer o seu maracatu não mais desfilaria.

ARMANDO: Não, ele nunca disse isso a mim. Ele sempre disse que não gostaria que ele parasse. Tinha Bibi, que podia tomar conta. Mas Bibi gostava muito era de beber. E deixaram. Ele não deixou documento nenhum e o próprio Roberto Benjamin, quando a gente esteve lá, deu dinheiro para que se Dona Cleonice quisesse fizesse as coroas. Eu nunca ouvi essa história. É a primeira vez que eu estou ouvindo falar. Ele queria tanto que ele saísse

---

<sup>15</sup> Entrevista com Armando Arruda, realizada em 30/04/2009 e 08/05/2009, na sua residência, Boa Viagem, zona sul do Recife.

que muitas e muitas vezes ele me disse da seguinte maneira: “olhe, professor, meu desgosto de estar estirado aqui nessa sala dentro de um caixão é chegar meus inimigos e dizer: “está vendo, o negão foi primeiro do que eu e eu não dar uma bofetada. E o outro é meu maracatu não sair”. A primeira vez que eu estou vendo essa situação de Roberto Benjamim e de Katarina é agora. Porque o que eu sempre soube foi que ele sempre quis que saísse.

IVALDO: Está no livro “Eudes, rei do maracatu”, de Katarina Real.

ARMANDO: Acho que ela deve ter fantasiado, ouvido diferente. Mas eu acho que isso não foi o que ele disse a muita gente que vivia ao redor dele. A própria Maria de Sônia mesmo sabia que não era para ir para o museu. Dona Santa também não era para ir para o museu. A turma diz que ela queria ir para o museu, coisa nenhuma! Tem muita lenda com essas histórias. Porque o cabra morre, tem gente para continuar.<sup>16</sup>

As memórias de Armando Arruda expõem o conflito de um maracatuzeiro, profundamente articulado com os intelectuais locais, em confronto com uma das versões da história a respeito da “recriação” do Maracatu Porto Rico. Suas memórias, no entanto, diferenciam o Porto Rico do Oriente, de Eudes Chagas, do Porto Rico de Água Fria, colocados em uma história linear pelos articuladores do Porto Rico contemporâneo. Estas questões revelam a grande complexidade em que a história dos maracatuzeiros e seus maracatus estão imbricados. A todo tempo temos história, memória e mito juntos, em um enlace difícil de desvendar. Disputas de memórias, confrontos pela legitimidade. Para os atuais articuladores do Porto Rico, é fundamental garantir uma versão que lhes permitam afirmar-se como um maracatu antigo, com data de fundação recuada no tempo (1916). Esta teria sido a suposta data de fundação do Porto Rico de Água Fria, que foi, nesta versão, retomado por Eudes Chagas e depois rearticulado por

---

<sup>16</sup> Entrevista com Armando Arruda, realizada em 30/04/2009 e 08/05/2009, na sua residência, Boa Viagem, zona sul do Recife.

Armando Arruda, para que então chegasse aos integrantes atuais, sob a liderança da rainha Elda Viana. Não tenho motivos para questionar a legitimidade desta afamada rainha, bem como do seu maracatu, mas o confronto entre a memória e a história coloca as versões de seu grupo em cheque...

Em meio às disputas que se iniciaram após a separação entre Madalena e Luiz de França, ainda nos anos 1960, esta vai à busca do Indiano, para somar esforços junto a Zé Gomes, o maior rival de Luiz de França, sobretudo nos anos 1960 e 1970. Talvez estas disputas ajudem a entender os motivos que levaram Luiz de França a apoiar Eudes Chagas em sua empreitada para fundar um novo maracatu em 1967, o Porto Rico do Oriente. Tal questão, no entanto, não impediu Luiz de França de tentar ofuscar o processo de legitimidade de Eudes Chagas, levando seu rei e rainha para serem coroados na mesma cerimônia que coroou o rei feito por Katarina Real.

Pode-se pensar as razões para entender a vitória do Porto Rico em 1968. Antes de tudo, Katarina Real estava interessada no que ela mesma denominou de “resgate de uma tradição” e possivelmente isto era consubstanciado na idéia de apoio a iniciativa de Eudes Chagas, que nem estava do lado de Zé Gomes, nem de Luiz de França. Katarina possivelmente apoiava, mesmo que implicitamente, Luiz de França, e isto pode ser evidenciado na forma como ela conceitua o mesmo na sua obra já citada, e da maneira como categoriza Zé Gomes, chamando o Indiano de “nação híbrida”. A vitória do Porto Rico do Oriente representou também uma possibilidade de “resgate da tradição” por parte de Katarina que, não esqueçamos, foi integrante da COC (Comissão Organizadora do Carnaval).

### **Eudes Chagas no contexto atual e o “ressurgimento” do Porto Rico**

Eudes Chagas e o seu Porto Rico do Oriente não conseguiram aglutinar grande número de colaboradores. Sua principal estratégia continuou sendo, por muito tempo, a de manter-se aliado à Paulo Viana e isto lhe

garantiu certa visibilidade nos jornais, como figura de maior destaque da Noite dos Tambores Silenciosos. Este contexto, entretanto, sofreu modificações diversas, devido ao rompimento de relações entre José Martins e Madalena, até então principais articuladores do Maracatu Estrela Brilhante, em 1985, e a morte de dois importantes maracatuzeiros: Eudes Chagas e Natércio, ambos em 1978. Este campo de forças, contudo, perdura, com ligeiras transformações, até o ano de 1982, quando entra em cena o “ressurgido” Porto Rico, agora sob a liderança de uma nova rainha, Elda Viana.

A recomposição no campo de forças se desenha já no início dos anos 1980. O primeiro ano desta década é marcado pela última grande vitória do maracatu Indiano. A enfermidade de Zé Gomes, que sofrera um derrame no final dos anos 1970, provocou verdadeira débâcle no grupo, que ensaia os primeiros passos de uma provável desarticulação. O Estrela Brilhante de Madalena se agiganta como a maior força e sozinho impera nos carnavais de 1981 e 1982, quando arrebatava os títulos e a aparente hegemonia entre os maracatuzeiros. Mas o “reaparecimento” do Porto Rico na comunidade do Pina, em 1981, reivindicando a continuidade do grupo outrora liderado por Eudes Chagas, acrescenta um item a mais nesta disputa. Ressalte-se que esta reivindicação de continuidade do Porto Rico de Eudes Chagas foi contestada pelos seus parentes, integrantes do antigo maracatu, sobretudo por sua rainha Mera e Maria de Sônia, que tentam em vão impedir o “ressurgimento” do Porto Rico e o uso de seu capital simbólico. A “recriação” do Porto Rico contou com a participação direta de Armando Arruda, Roberto Benjamin (jornalista, professor da UFRPE e advogado, além de membro da Comissão Pernambucana de Folclore) e outros indivíduos que possuíam trânsitos com os grupos de cultura popular e estavam interessados na continuidade do maracatu, como forma de dar prosseguimento as “tradições”.

Vale à pena conferir as memórias de Armando Arruda sobre o processo de recriação do Maracatu Porto Rico:

[...] IVALDO: Mas quem convidou Elda para integrar esse grupo?



ARMANDO: Quem convidou fui eu. Fui na casa dela, chamei-a. IVALDO: Então vocês montaram a equipe e...

ARMANDO: Botamos na rua. No carnaval de mil novecentos e oitenta e um nós já viemos para rua.

IVALDO: Bom, Elda foi convidada para participar desse processo?

ARMANDO: Ela iria participar como princesa. Ela tinha muitas filhas de santo, muitas moças bonitas. E depois da falta de condição da Dona Maria de Sônia... Ela também tinha um problema estomacal quando o som do maracatu... Dava um problema nela que ela passava mal. Não tinha a mínima condição de ficar na frente da batucada como rainha.

A gente ajudou Elda. A gente ajudou Elda não. Eu dizia a senhor Eudes que ele ficasse tranqüilo, que o maracatu dele saía. Quando eu cheguei, encontrei Maria de Sônia: (imitando uma voz feminina) “olhe, meu compadre, meu padrinho morreu...” e a mulher dele, Bibi, botaram o maracatu num museu. “Mas eu tinha prometido ao mestre Eudes que a gente botava na rua. Bora lá nesse museu”. Quando eu cheguei lá, Doutor Roberto Benjamim, muito importante, muito imponente, disse que o grupo não saía de lá não. A gente deu uma guindada para esquerda, uma guindada para direita e chegamos com uma ordem judicial. Só não veio para a casa de Maria de Sônia o material que não servia mais. O barco estava todo lixado, todo quebrado. Mas as alfaías vieram para a casa de Maria de Sônia, ficaram uma temporada na casa de Maria de Sônia. [...] A gente serviu o munguzá, quando terminou a festa, Dona Elda era jovem, muito bonita... Tinha muita gente com ela porque ela seria princesa. Foi quando eu disse a Maria de Sônia: “você não vai ser a rainha não. A rainha vai ser Elda”. Aí foi quando começou a caminhada com Dona Elda. Ela soube se haver. Maria de Sônia zangou-se, fundou o Encanto do Pina, que hoje está na mão de Marcelo. Marcelo toma conta direitinho [...].<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Entrevista com Armando Arruda, realizada em 30/04/2009 e 08/05/2009, na sua residência, Boa Viagem, zona sul do Recife.

Fica claro, a partir das memórias de Armando Arruda, que a “reativação” do maracatu Porto Rico foi um instrumento de legitimação de vários dos envolvidos no processo. As duas mães de santo, Elda e Maria de Sônia, disputaram o lugar de rainha do maracatu continuador do grupo de Eudes Chagas, e até os dias de hoje há uma contenda em torno da memória deste babalorixá que articulava o Porto Rico do Oriente. Mas as práticas culturais existentes entre os maracatuzeiros não permitiram a continuidade de um maracatu em que havia mais de um “dono”.

[...] Porto Rico, como eu disse a vocês, eu tinha muita amizade com o senhor Eudes Chagas. Ele sempre me dizia que o desgosto dele era morrer ali naquele canto da casa dele estirado no chão, chegar os inimigos dele e dizer: “está vendo, o negão morreu primeiro do que ele...” e ele não poder dar uma porrada no cara. E a outra era o maracatu dele não sair. Eu disse a ele que se eu estivesse por aqui o maracatu saía. Então, ele dava aquela risada: “e você bota nada professor!”. Eu digo: “olhe que eu boto” [...]. Voltamos, levantamos o grupo. Mário Orlando na época comandava a Federação Carnavalesca, era uma pessoa de confiança Aristófanes de Andrade. Ele comandava a Federação Carnavalesca. Ele doou para gente um estandarte que eles tinham lá que tinha sido do Porto Rico. Mas Porto Rico do Oriente vale ressaltar isso aí. Porque tem muita gente hoje que quer que seus maracatus sejam antigos, mas a participação desse de Eudes é Porto Rico do Oriente. Quem vier dizer que Porto Rico foi fundado não sei aonde... [...]. Passou setenta e nove, oitenta. Isso se deu em oitenta e um. Aliás, em oitenta. Em oitenta a gente reativou, trouxe para a casa de Maria de Sônia, ele ficou uns três meses na casa de Maria de Sônia e Maria de Sônia não correspondeu às expectativas. E ela não tinha condição de ser rainha. Ela tinha tudo para ser rainha, que era dama de paço de Eudes. No geral, quem substitui a rainha é uma das damas de paço. Só que ela não estava correspondendo às expectativas [...]. Quando a gente saiu dali, Dona Elda, que seria princesa, já foi escolhida rainha

[...]. Elda jovem, muito bonita... Tinha muita gente, como sempre teve. O maracatu dela sempre saiu muito grande. A gente coroou Dona Elda. E no dia da coroação, Maria de Sônia estava lá esbravejando. Mas a gente fez que não viu. Continuou Dona Elda. Eu acho que eu estava certo, porque ela vem mantendo a história. Vem assim [...]. Mas sei que ela foi até um pouco ingrata com a gente [...]. Mas logo depois Mola levou ela para a Alemanha e ela fez algumas viagens internacionais. A filha casou com o presidente da Federação, isso facilitou muito as coisas para ela. Graças a Deus cresceu [...] As bonecas ficaram num museu, porque boneca é Egum. E para levar para casa de Dona Elda ou de Dona Maria de Sônia ficaria complicado. Então a gente mandou senhor Francisco, que era um entalhador que entalhava barroco para o Carmo... Aí fez a boneca. Refez. Fez a boneca e recebeu obrigação. E hoje ela anda com duas ou três. Tem uma que ela [Elda] comprou até a gente, não sei com que nome ela batizou. Sei que ela comprou a gente. Estava lá e a boneca era Dona Inês de Castro. A gente refez a Dona Inês de Castro, mas ficou uma lá no museu. Não sei se ainda existe. Ela tomou conta. Está dando conta, o grupo subiu. Está muito chamada aí para muitos locais. Deus a proteja e lhe dê muitos anos de vida e muito sucesso.<sup>18</sup>

Armando Arruda, no processo de rearticulação do grupo, tenta a contribuição dos antigos integrantes de Eudes Chagas, que por motivos diversos não ingressam no maracatu. As memórias de Armando chocam com as informações levantadas por Roberto Benjamin e Katarina Real sobre o assunto. Ambos afirmam que o desejo de Eudes Chagas era pela paralisação das atividades do grupo quando ele morresse. Tal informação é confirmada por Marcelo, atual articulador do Maracatu Encanto do Pina, mas as lembranças de Armando vão na direção contrária, afirmando que Eudes desejava ter a continuidade de seu grupo garantida. Ao certo, entretanto, é

---

<sup>18</sup> Entrevista com Armando Arruda, realizada em 30/04/2009 e 08/05/2009, na sua residência, Boa Viagem, zona sul do Recife.

que o novo Porto Rico foi para as ruas já no carnaval de 1981 e 1982. Em 1983 conquista seu primeiro título, destronando Madalena do lugar de campeã do carnaval.

### **Elda Viana: a “herdeira” de Eudes Chagas**

Elda Viana, uma nova rainha de maracatu e inserida em recentes redes de sociabilidades do povo de terreiro, começa a empreender mudanças, e a aplicar novas invenções para o seu Porto Rico, posto que diante de si reina a toda poderosa Madalena. Se Madalena é a tradicional rainha de maracatu, sucessora de Dona Santa, Elda Viana se apresenta como única rainha coroada na Igreja do Rosário dos Homens Pretos. Destaque-se que mesmo tendo esta coroação como capital simbólico, Elda Viana não dispunha ainda de fortes liames entre o povo do terreiro, não integrava nenhuma casa “tradicional” e reconhecida na cidade, mas vai saber estabelecer gradativamente estas redes. Afasta-se de Armando Arruda e todos os que tentam imobilizar seu maracatu na “camisa de força da tradição”, convida Raminho de Oxóssi para ser seu rei, e com isso ganha apoios diversos, a exemplo dos organizadores da Noite dos Tambores Silenciosos. Elda Viana demonstrou uma incrível capacidade para jogar com a tradição (coroação) e com a implantação de grandes mudanças nos figurinos, aproximando-os do luxo e glamour das escolas de samba. A introdução de grupos de dança com coreografias durante o desfile, fazendo composições com outras agremiações para engrandecer em número de desfilantes o Porto Rico, foi outro recurso utilizado. Estas estratégias surtem rápido efeito, pois em 1983 o Porto Rico é consagrado campeão no carnaval, repetindo o feito em 1984 e 1985. Seu prestígio cresce e com ele as alianças, imprescindíveis para a construção de uma hegemonia entre os maracatuzeiros e maracatuzeiras.

São estratégias que a colocam em pé de igualdade com o poderoso Estrela Brilhante de Cabeleira e Madalena. Uso de saias de armação, típicas das escolas de samba, adaptações na corte com tecidos de maior brilho, a

exemplo do lamê e do paetê, incremento no uso de plumas e reforço no contingente de desfilantes, através do convite de grupos organizados para desfilarem no maracatu, sem que necessariamente integrem a agremiação são algumas das muitas inovações utilizadas por esta vigorosa rainha. E o resultado disso tudo? Um maracatu gigantesco, de grandes proporções, com muito brilho e vigor. Em 1982 surge o Maracatu Encanto do Pina, liderado por Maria de Sônia, mãe de santo, antiga integrante do maracatu de Eudes Chagas e dissidente do processo de “reativação” do Porto Rico empreendido por Elda Viana, Armando Arruda e Roberto Benjamin. O seu grupo não conseguiu aglutinar forças a ponto de se constituir em rival de grande porte frente ao novo Porto Rico liderado por Elda Viana, ou mesmo os grupos articulados por Luiz de França e Madalena. Maria de Sonia, por sinal, nem sequer conseguiu apresentar-se como sucessora de Eudes Chagas perante a sociedade. As disputas pelo legado do antigo rei do Porto Rico do Oriente foram postas no terreno legal, com ameaças de Maria de Sonia “ir para a justiça” sobre a apropriação e uso do antigo nome do grupo de Eudes Chagas. Seus seguidores, após sua morte, decidiram não mais levar o nome do maracatu às ruas, segundo Roberto Benjamin e Katarina Real, o que motivou gestões do primeiro para que a situação fosse revertida. Este imbróglio, a respeito do espólio de Eudes Chagas, será objeto de novas redefinições identitárias ao longo dos anos 1990 e 2000.

### **Conclusão: um homem do passado que legitima o presente**

O que explica o fato de um grupo de homens e mulheres do presente reivindicarem um nome do passado? Pode-se afirmar existir liames entre o antigo grupo liderado pelo falecido rei, e o novo, que se constituiu a partir rainha Elda Vianna? Enfim, resta-nos afirmar que a memória não é algo ingênua, isenta de valores. A memória em questão é válida no sentido de atribuir sentidos a práticas e costumes do presente. Não é uma simples lembrança ou recordação de algo que já passou, mas a afirmação de que estas práticas são continuidades de algo que já existia há tempos atrás. Longe de

ser algo desprovido de sentidos, a memória é fundamental para articular identidades e conferir legitimidades, questões fundamentais para os maracatus nação da contemporaneidade (FERREIRA, 2001; 2006; DELGADO, 2006).

As relações existentes entre Memória e História, nesse sentido, deixam de ser entendidas como dados dispersos, e passam a ser vistas como partes de processos contínuos, complexos e atuais. Memória e História, nesse sentido, podem nos ajudar a entender os motivos que levam grupos e comunidades a se reivindicarem como herdeiros de homens e mulheres do passado. O que se faz no presente nada mais é do que algo há muito praticado, fiel depositário de antigas tradições, em que as origens há muito se perderam. Eis as principais motivações existentes em diferentes maracatus nação da atualidade. A todo tempo identidades, Memória e História se imbricam, constituindo versões que explicam performances, práticas e costumes. O Maracatu Porto Rico da contemporaneidade necessita se apresentar como um grupo de antigas filiações. Necessita dispor de uma linhagem, de preferência que o vincule ao passado mais remoto possível. Eis as razões para que ainda hoje diversos maracatus nação se apoiem em homens e mulheres do passado. Eudes Chagas é reivindicado como o continuador de Pedro da Ferida, e todos se constituem no passado do atual Porto Rico. A História continua, mesmo que acompanhada de memórias nem sempre coerentes, constituindo identidades do presente. E nesse sentido, Eudes Chagas ainda está vivo!

## Referências

- ALMEIDA, Renato. *História da música brasileira*. Rio de Janeiro: F. Briguiet \$ Comp, 1942.
- ALMEIDA, Renato. *Vivência e projeção do folclore*. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1971.
- ALVARENGA, Oneyda. *Maracatu. Música Popular Brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1950.

- ASSUNÇÃO, Luiz. *O reino dos mestres – A tradição da jurema na umbanda nordestina*. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.
- BORDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- BRANDÃO, Maria do Carmo e RIOS, Luis Felipe. O catimbó-jurema do Recife. In: PRANDI, Reginaldo (org.). *Encantaria Brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas, 2001, p. 160 – 181;
- CAMPOS, Zuleica Dantas Pereira. *O combate ao catimbó: práticas repressivas às religiões afro-umbandistas nos anos trinta e quarenta*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós Graduação em história, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.
- CARVALHO, Ernesto Ignácio de. *Diálogo de negros, monólogo de brancos: transformações e apropriações musicais no maracatu de baque virado*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.
- CASCUDO, Luis da Câmara. *Meleagro – pesquisa do catimbó e notas da magia branca no Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1978.
- CASCUDO, Luis da Câmara. Notas sobre o catimbó. In: *Novos Estudos Afro-Brasileiros*. Recife: Ed. Massangana, 1988. Edição Fac-similar de *Novos Estudos Afro-Brasileiros*, Trabalhos apresentados ao I Congresso Afro-brasileiro do Recife, segundo tomo, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.
- Beatriz Góis. *Vovó Nagô e papai branco usos e abusos da África no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- ELIAS, Nobert. *A sociedade de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ELIAS, Nobert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994 (a).
- ELIAS, Nobert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994 (b).

- FERREIRA, Marieta de Moraes. João Goulart: entre a memória e a história, introdução. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (org). *João Goulart: entre a memória e a história*. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 07 – 30.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.
- LEVI, Giovanni. *A herança imaterial*. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- LEVI, Giovanni. Comportamentos, recursos, processos: antes da “revolução” do consumo. In: REVEL, Jacques (org). *Jogos de escalas – A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998, p. 203-224.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus do Recife: novas considerações sob o olhar dos tempos*. Recife: Edições Bagaço, 2012.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus e maracatuzeiros: desconstruindo certezas, batendo afayas e fazendo histórias*. Recife, 1930-1945. Recife: Edições Bagaço, 2008.
- LIMA, Ivaldo Marciano de França. *Maracatus-nação: ressignificando velhas histórias*. Recife: Edições Bagaço, 2005.
- LUZURIAGA, José Martín Desmaras. *Jurema e cura – ensaio etnográfico sobre uma forma de jurema nas periferias do Recife*. Dissertação (Mestrado em antropologia) – Programa de Pós Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.
- MOTTA, Roberto Mauro Cortez. Jurema. In: MAIOR, Mário Souto e VALENTE, Waldemar. (org.) *Antologia Pernambucana de folclore*. Recife: Massangana, 1988, p. 267 – 268;
- MOTTA, Roberto. Religiões afro-recifenses: ensaios de classificação. *Antropológicas*, ano II, v. 2, série religiões populares, p. 11-34, 1997.
- PEIXE, Guerra. *Maracatus do Recife*. 2ª ed. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife/ Irmãos Vitale, 1980.
- PINTO, Clélia Moreira. *Saravá Jurema Sagrada: as várias faces de um culto mediúnico*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1995.



- REAL, Katarina. 2ª ed. *O folclore no carnaval do Recife*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco - Ed. Massangana, 1990. [1967].
- REAL, Katarina. A grande vitória. O carnaval de 1968. *Suplemento cultural do Diário Oficial do Estado de Pernambuco*, fevereiro, p. 18-21, 2001. (b).
- REAL, Katarina. *Eudes, o rei do maracatu*. Recife: FUNDAJ/ Ed. Massangana, 2001.
- SALLES, Sandro Guimarães de. À sombra da jurema encantada: mestres juremeiros na umbanda de Alhandra. Recife: Editora da UFPE, 2010.
- SALLES, Sandro Guimarães de. À sombra da jurema: a tradição dos mestres juremeiros na umbanda de Alhandra. *Antropológicas*, ano 08, volume 15, p. 99-122, 2004.
- SCHECHNER, Richard. *Performance Theory*. Nova Iorque: Routledge, 1988.
- SILVA, Leonardo Dantas. A corte dos reis do congo e os maracatus do Recife. *Notícia bibliográfica e histórica*. Campinas, PUC, nº 184, p. 43-64, 2002.
- SILVA, Leonardo Dantas. A instituição do Rei do congo e sua presença nos maracatus. In: SILVA, Leonardo Dantas (org). *Estudos sobre a escravidão negra*. Recife: FUNDAJ / Ed. Massangana, 1988.
- SILVA, Rubens Alves da. Entre “artes” e “ciências”: a noção de performance e drama no campo das ciências sociais. *Horizontes Antropológicos*, n. 24, p. 35-65, jul-dez, 2005.
- TURNER, Victor. *The Anthropology of Performance*. Nova York: Paj Publications, 1987.
- VANDEZANDE, René. *Catimbó*. Pesquisa exploratória sobre uma forma nordestina de religião mediúnica. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós Graduação em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1975.